

## ASPECTOS POLÊMICOS DA OBRA DE SHAKESPEARE

Artur Eduardo Benevides

*Poeta. Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará. Presidente de Honra da Academia Cearense de Letras e da Academia Fortalezaense de Letras. Membro da Academia Cearense de Retórica, da Academia Cearense da Língua Portuguesa e Príncipe dos Poetas Cearenses.*

Se examinarmos o problema da originalidade e legitimidade de autoria, em relação a grandes obras da Literatura Universal, veremos que algumas delas seriam adaptações de outras, ou a eruditização de temas populares aproveitados, com maior largueza e beleza de linguagem, em criações que se tornariam inesquecíveis. Para citar apenas três dos mais importantes livros do mundo, estariam nesse rol a *Odisséia*, de Homero, o *Hamlet*, de Shakespeare, e o *Fausto*, de Goethe, todos três recriados de histórias mais antigas, que pertenciam ao patrimônio da cultura popular.

Homero, em seu grande poema, consolidou velhos Cantos e Lendas imemoriais da Grécia, dando-lhes a indispensável literariedade, representada pela linguagem escorreita, pelo tratamento formal ou estrutural adequado e por uma indispensável unidade criacional, com figuras e tropos enriquecedores do texto. Quanto a Goethe, serviu-se de um romance popular em voga na Europa, de raízes medievais, em que um certo doutor Faustus negocia com o Diabo, em troca de favores, a sua própria alma. E o mesmo fenômeno de aproveitamento de motivos ocorre com William Shakespeare, sobretudo no *Hamlet*, havendo, porém, em outras obras suas, influências que alguns consideram de forma pouco lisonjeira ao seu vasto renome.

A nenhum dos três, contudo, negarei a condição de gênios, embora ache que tal qualificativo vem sendo empregado, ao longo da História, de maneira generosa e liberal, sem grandes critérios seletivos. Para mim, o gênio é aquele espírito de singular grandeza, nas Ciências,



nas Letras e nas Artes, capaz de iluminar os séculos e as gerações com seu talento. No caso da Literatura, com uma extraordinária capacidade de criar ou transfigurar o real e o imaginário, dentro de uma temática universal e eterna, com linguagem depurada, imagística forte e multiplicidade de recursos estilísticos que irão redundar no surgimento de verdadeiras obras-primas, produto natural de seu grande engenho.

Podéria mencionar entre os gênios, figuras da estirpe ou dimensão de Homero, Virgílio, Dante, Camões, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Tolstói e poucos mais. Como grandes escritores ou excelsos poetas lembraria Hoelderlin, Novalis, Dostoievsky, Thomas Mann, Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Baudelaire, Proust, Balzac, Byron, Zola, Eça de Queirós, Rilke, Joyce, Gide, Pablo Neruda, Ezra Pound, T. S. Eliot, Agatha Christie, Machado de Assis, José de Alencar, Jorge Luís Borges, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e outros.

Não há dúvida de que Homero, Goethe e Shakespeare são autores monumentais, ou oceânicos, com poderosa força de criação literária. E por isso são gênios. Projetam-se no tempo como o rastro luminoso de uma estrela, a exercer influência, ou a confundir a crítica, que sempre descobre neles algo novo, a cada releitura. Nem por isso, contudo, estarão isentos de análises rigorosas ou crítica meticolosas de sua obra, sob a cosmovisão de cada época.

No caso de Shakespeare, a quem a cautelosa Enciclopédia Britânica dedica nada menos de vinte páginas, há, por vezes, cousas surpreendentes, que poderiam levar um analista apressado a considerá-lo um plagiário, o que seria injusto. Sabe-se, por exemplo, que *Otelo* não é uma criação original, pois se baseia em *O Mouro de Veneza*, de Geraldi Cinthio. O tema é idêntico, com tratamento diferenciado, contudo. Já a peça *Tudo está bem quando termina bem*, Shakespeare foi buscá-la no *Decamerão*, de Bocaccio. E *Romeu e Julieta* é quase o mesmo *Giulietta e Romeo*, de Luigi da Porto, que, por sua vez, se fundamenta no mito de Píramo e Tisbe, da velha Babilônia.

O *Hamlet* não é plágio, pois Shakespeare, com sua inteligência, jamais procederá assim. Mas usou o mesmo tema na criação de seu *Hamlet*, cuja primeira edição, ou edição princeps, é de 1603. Péricles Eugênio da Silva Ramos, na excelente tradução que escreveu para a famosa peça, afirma, categoricamente, não ter dúvida de que Belleforest



foi a fonte em que se inspirou o genial autor inglês, já que o livro *The Historie of Hamblet*, de escritor desconhecido, aparece na Inglaterra em 1608. O shakespearólogo John Dover Wilson, aliás, acha que a versão de Belleforest e a de Saxo Gramatico constituíram, ambas, o ponto de partida para o maior drama do período isabelino. E quando dizemos isso não esquecemos a grandeza de peças como *Otelo*, *O Mercador de Veneza*, *Macbeth* e *Sonho de uma Noite de Verão*, que levariam Ben Johnson a escrever sobre ele:

*He was not of an age, but for all time.*

E só um gênio nasce com esse destino. Só alguém que seria considerado a figura maior da Literatura Inglesa e possui, no julgamento de Manuel Bandeira, “incomparável força de imaginação poética, unindo a fantasia mais alta a uma extraordinária acuidade de penetração na verdade mais funda das almas, na capacidade de insuflar a vida a toda sorte de caracteres do presente e do passado, de pintar as grandes paixões em tipos que se tornariam símbolos delas — o ciúme em *Otelo*, o amor em *Romeu e Julieta*, a avareza em *Shylock*, a maldade em *Iago*, a ambição em *Macbeth*, o orgulho em *Lear*, o amor filial em *Cordelia*, a dúvida em *Hamlet*”. Ao revés do que se diz, porém, Hamlet não tem tanta dúvida a atormentá-lo. Ele sabe que o tio assassinou-lhe o pai e se torna, conscientemente, instrumento de vingança do Fantasma que aparece no castelo de Elsinor. Ama Ofélia, mas dela se afasta por estratégia. Sabe, ademais, o motivo por que sua mãe não é digna de sua afeição. Conhece as intrigas da Côrte. Enfrenta-as. Planeja, com atores populares, uma forma de agredir moralmente o rei criminoso. Finge estar louco para despertar suspeitas em seu plano de honrar a memória do pai. E faz todas as cousas premeditadamente, sem qualquer vesânia.

Ficou como símbolo universal da dúvida pela frase famosa do terceiro Ato, Cena I — *To be or not to be, that is the question*. Ou talvez em palavras do Ato IV, quando afirma sabermos o que somos, enquanto ignoramos o que poderemos vir a ser. A idéia de ser ou não ser, porém, ligando-se à figura do Príncipe, criou o símbolo.

Mas, que dizer dos supostos plágios? Eles ocorreram realmente na grandiosa obra de Shakespeare, ou tudo não passa de um mal-entendido que se arrasta desde a sua época? Necessitaria um gênio de



tal procedimento, ou se trata de mero equívoco, ou de simples influência temática, ou *contaminatio*?

O que se passa com o mestre do drama inglês é algo que ocorreu em larga escala, desde a Renascença, em que a imitação de temas e técnicas de outros tempos era quase um postulado, ou uma das características centrais do processo literário. Outro ponto a destacar nessa fase é o interesse pelas lendas e pelos mitos, de que não ficou distanciado um vulto da altitude de Goethe, exatamente no *Fausto*, talvez a sua obra máxima. Essa absorção de elementos temáticos, direta ou indiretamente, ficou conhecida como *contaminatio*, que era, na Literatura de Roma o aproveitamento de enredos da comédia grega. O problema vem, assim, de longe. E Shakespeare não comete nenhuma apropriação indébita, nem se macula em sua grandeza por empregar o mesmo recurso. Se houvesse, no *Hamlet*, usado frases seguidas de Saxo Gramatico poderia ser acusado de plagiário. Mas, tal não ocorreu. Houve apenas a utilização do núcleo argumental da velha lenda, que vai encontrar, no talento do mestre de Stratford-on-Avon, o seu ponto culminante. O *Hamlet* obscureceu, por sua altitude, as criações anteriores, que desapareceram como por encanto diante dele. E tanto isso é verdade que outra peça publicada na Inglaterra, sobre o mesmo assunto, nem assinatura traz, o que inviabilizaria qualquer emulação, se não bastasse a genialidade do imortal dramaturgo inglês.

No *Hamlet* estão algumas das frases ou expressões de maior uso no mundo culto, como é o caso de

Fragilidade, teu nome é mulher! (Cena II, 1º Ato);

Há entre o céu e a terra, Horácio, bem mais coisas do que imagina a nossa vã filosofia (final do 1º Ato);

Mais substância e menos arte! (Cena I, Ato II);

Palavras, palavras, palavras! (2º Ato);

Ser ou não ser – eis a questão (3º Ato);

Dormir... sonhar talvez (idem);

O resto é silêncio (5º Ato).

São falas quase todas do Príncipe, citadas, amiúde, em trabalhos de Literatura Universal. Afinal, a versão de *Hamlet*, de Shakespeare, é uma obra erudita, de tonus filosófico e graves reflexões sobre a vida, a



morte, a lealdade, o sonho, o amor, a eternidade. E jamais poderia ser confundida com um plágio, recurso empregado por autores de segunda categoria, sem capacidade de criar, ou de inventar imagens e metáforas de raro fulgor, em linguagem concisa e precisa. Fazer isso é um dos privilégios dos gênios. Ou dos grandes poetas e escritores. O contrário, fácil é imaginar, constituiria escândalo sem precedentes e arruinaria a reputação de qualquer autor. O que houve, pois, foi um mero caso de *contaminatio*, que em nada deslustra o nome glorioso de Shakespeare, orgulho do povo inglês e um dos mais altos dramaturgos universais, em todos os tempos. Afinal, a increpação de plagiário não pode cair em alguém que tem, como ele, tão grande poder de criar. Mesmo em sua peça mais fraca – *As alegres Comadres de Windsor* – ou naquelas em que sua portentosa força criadora é mais evidente.

Escritor profundamente vocacionado para o gênero que elegeu, com uma cultura que não se sabe onde e quando adquiriu, no que repete a história de Camões, Shakespeare oferece-nos, ao lado da amplitude de assuntos e temas os mais vários, uma profundidade incomparável nos conceitos e uma transparência incomum nas intenções, mesmo com a ocorrência de ambigüidades lingüísticas, ainda hoje estudadas. De qualquer forma, jamais poderia ser tido como plagiário, em que pese ao fato de haver procurado temas já explorados, pois esse também foi o caso de Homero, Sófocles, Cervantes, Goethe, Pushkin, Molière, La Fontaine, Racine e tantos mais. Ou de poetas românticos, que foram atrás de temas medievais.

Não se esqueça também o fato de muitos sofrerem a acusação de não-autoria de algumas obras, como é o caso de Cervantes, que teria comprado a história de Dom Quixote a um árabe, no mercado de Toledo. Jorge Luís Borges destaca esse fato num trabalho intitulado *Magias del Quijote*. E a Enciclopédia Jackson mostra o fato de que algumas de suas obras teriam sido escritas por Francisco Bacon, o que ninguém aceita, considerando a nota uma aleivosia.

Já *Romeu e Julieta* é inspirado em lenda muito antiga, da qual se conhecem as recriações de Xenofonte, de Masuccio de Salerno, de Luigi da Porto, Mateo Bandello e Arthur Brocke. Acrescente-se o fato de que as duas famílias rivais, de Verona, estão mencionadas por Dante no Canto VI do *Purgatório*, na *Divina Comédia*. Coube a Shakespeare, por-



tanto, uma das versões, a mais bela de todas, não sendo, contudo, uma criação rigorosamente sua, da mesma forma que a história do Barba-Azul não é de Perrault, mas aproveitada do lendário popular.

Ninguém, contudo, é dono de temas. Corneille inspirou-se no *Cantar de Mio Cid* de autor ignorado, e em *Las mocedades del Cid Campeador*, tragédia escrita em 1618, na Espanha, para compor em Paris o seu *Le Cid* (1636). Antes, já havia a *Chronica rimada* e um *Poema do Cid*, tudo baseado nas aventuras heróicas de Don Rodrigo Dias de Bivar. O *Cantar de Mio Cid*, de 1140, é a grande fonte sobre o assunto na Literatura espanhola.

Voltemos, porém, a Shakespeare. Se o plágio se registra principalmente na linguagem, no *corpus* da ficção ou da poesia, este, evidentemente, não é o caso do grande autor inglês. Shakespeare, ao contrário, influenciou Goethe e outros autores europeus. Mas Goethe era tão grande que soube disfarçar a influência recebida do gênio inglês, mesmo porque, no caso, seria um sol a iluminar outro sol...

No universo temático há cousas interessantes a enfatizar, como ocorreu recentemente com Mário Vargas Llosa. Refiro-me ao grande tema da vida de Antônio Conselheiro, que ficara por aí tempos sem fim, à espera de alguém que o transformasse em romance. O famoso escritor peruano veio ao Brasil, interessou-se pela história, foi a Canudos, fez ampla pesquisa e, ao final, escreveu *A guerra do fim do mundo*, romance premiado em Paris.

Será que isso vai tornar inviável, a partir de agora, o aproveitamento do tema por parte de algum autor brasileiro? Claro que não. Mas quem o fizer correrá o risco de ser apontado como plagiador de Vargas Llosa. E foi, *mutatis mutandis*, o que ocorreu em relação a Shakespeare, em peças como *Hamlet*, *Othelo* e outras que tais. Um simples problema de aproveitamento de tema, marcado, porém, pelo sinete de sua grandeza pessoal, ou de sua personalidade literária. No fim, prevaleceria, como no-lo mostra a História, a sua criação sobre todas as outras, pelo envolvente brilho das idéias, a beleza da linguagem e a segurança estrutural da composição.

Dois temas, no Nordeste brasileiro, permanecem à espera de um grande romance: o Padre Cícero Romão Batista e o jangadeiro. Estão como um desafio a todos os romancistas, que os temem. Dia virá, no



entanto, em que um escritor de fora aproveitará toda a carga de sua força inspiradora, dentro daquele sentido social que caracteriza, no entender de Viana Moog, a cultura da região. E os nossos ficcionistas, quando se dispuserem a sair de sua comodidade, ou de seu temor, serão tachados, talvez, de plagiários, como ocorreu, algumas vezes, com Shakespeare. Este era tão grande, porém, que venceu, com o valor de sua mensagem, as objurgatórias assacadas contra ele, ao longo do tempo. E sua obra possui o esplendor do eterno.

Com o material transcendente da criação, trabalham, em todas as épocas, os grandes poetas e escritores. E dessa argamassa invisível Shakespeare se utilizou, da mesma forma que Homero, Virgílio, Cervantes, Goethe e Rilke, entre muitos. A argamassa com que os gênios, ou talentos ímpares, edificam o monumento de seu espírito.

E até isso parece ser uma lição de Shakespeare. Uma lição que não envelhece, permanecendo, em sua essência, como uma voz a murmurar alguma coisa infundável no ouvido dos povos. Com isso, ele se transformaria, como realmente se transformou, no maior dramaturgo inglês, ao lado de extraordinário criador do *Fausto*. E, como diria Otto Maria Carpeaux em releção a Goethe, ficamos surpreendidos com o espectro de sua presença, cada vez mais forte, em nossa contemporaneidade, a deitar influências, mesmo que remotas, num Bertold Brecht, num Eugene O'Neil, ou num Jean Anouilh, o autor de *Eurídice* e *Le voyageur sans bagage*. Tudo isso sem falar no infinito número de citações de frases suas em todo o mundo, como modelos, padrões, ou módulos de sabedoria.

Shakespeare era, realmente, um sábio, um gênio, uma luz. E conseguir tal posição naquela que Carpeaux considera a maior de todas as Literaturas – a inglesa – o credencia ainda mais ao respeito de todas as gerações, que vão lê-lo com aquele anseio de andarilhos cansados, em busca da água pura de uma fonte. Não fôra assim e os artistas soviéticos, no período do governo stalinista, não o teriam representado ou estudado tão detidamente em seus cursos profissionalizantes, representando *O Rei Lear*, *Macbeth* e *Romeu e Julieta*.

Por isso mesmo, pouco importa o fenômeno da *contaminatio*, como um acidente de percurso. Cada época tem seu estilo próprio e seus modismos, como fruto da mundividência, do posicionamento estético



ou do comportamento filosófico, em face da vida e do ser. E quando alguém como Shakespeare aproveita uma lenda ou uma saga, a tendência natural de todas elas é que se engrandeçam em recriações de pungente beleza.

O *Hamlet* shakespeariano é a encarnação definitiva de um herói semi-fabuloso. E o grande tema, por isso, não perderia jamais sua autenticidade. Afinal, o domicílio dos gênios é o eterno, a residência espiritual de um Milton, de um Goethe, de um Dante, de um Camões, de um Cervantes, ou de um William Shakespeare, sem esquecer os grandes poetas e trágicos da Grécia, de onde, afinal, parte quase tudo, em termos de criação literária, de mitologia, de cosmogonia e de filosofia. A Grécia é a grande mãe intelectual do Ocidente. E Shakespeare é um grego, em termos intelectuais, a dizer, como disse, em *The Tempest*:

... *our little life*  
*is rounded with a sleep.*

E nesse sono que rodeia a nossa vida estão todas as mágoas e esperanças, ou todas as vigílias e solidões do ser humano, de quem ele é um dos mais altos intérpretes, usando admiravelmente aquilo que Camões chamou de “engenho e arte”.

Ele fez verdadeiras prospecções na alma dos seres, captando a essência dos sentimentos e das paixões, que soube traduzir com legitimidade reflexiva e densidade filosófica, numa visão penetrante do real, do sonho e do mistério. Por isso mesmo, a leitura de suas peças teatrais cresce de importância a cada época. Universal na geografia britânica, ele, na realidade, pertence ao mundo.

Daí, sua grandeza. Diríamos melhor: seu resplendor na história do espírito, como uma voz a ecoar na consciência do mundo. E alguém assim não poderia jamais ser acusado de plágio, como alguns críticos têm procurado inutilmente demonstrar, enquanto, ao contrário, sua influência aumenta através dos tempos, como um facho de sabedoria a iluminar a solidão do homem e a fazer com que entendamos melhor as circunstâncias que geram tantas crises espirituais.

E por ter tanta importância a criação literária, procuramos, por necessidade interior, os grandes autores do mundo, sobretudo aqueles que têm a magnitude de um Shakespeare. E vamos reler, como um imperativo, a *Lírica*, de Camões; *A Divina Comédia*, de Dante; *A Imitação*



*de Cristo*, de Fr. Tomás Kempfis; *As Confissões*, de Santo Agostinho; o *Dom Quixote*, de Cervantes; o *Cântico dos Cânticos*, de Salomão; o *Fausto*, de Goethe; as *Elegias de Duino*, de Rilke; o *Ulisses*, de Joyce; *Guerra e Paz*, de Tolstoi; os *Contos Fantásticos*, de Hoffmann; *Le rouge et le noir*, de Stendhal; *O velho e o Mar*, de Hemingway; *Sparkenbroke*, de Charles Morgan; *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust; os poemas de Fernando Pessoa, T. S. Eliot e Ezra Pound; as páginas de Santa Tereza d'Avila, de Faulkner, Hoelderlin, Novalis, Claudel, Gide, Bernanos, Tchekov, Kafka, Miguel Torga, Papini, Chesterton, Gabriel Garcia Marquez, Antoine de Saint-Exupéry, Machado de Assis, Alencar, Guimarães Rosa e muitos – e são tantos que não poderíamos enumerar aqui. Sobretudo, e principalmente, lemos Shakespeare cuja obra está traduzida em todas as línguas. E com a luz dessa constelação de grandes sóis, nós nos recompomos interiormente, pois eles proporcionam renovada dimensão ao nosso pensamento, ajudando-nos a compreender o ser humano, a um tempo só maravilhoso e terrível. E os clássicos, por serem eternos, são atuais. Por isso, Shakespeare tem tão extraordinária significação, como um dos nomes mais altos da Literatura Universal. É, seguramente, um dos sete maiores autores do mundo, ao lado de Homero, Dante, Cervantes, Camões, Tolstoi e Goethe. E um vulto assim é imortal. O tempo não invalidará jamais a sua obra, que permanecerá a iluminar-nos pelos séculos sem fim.

